

5ª PARTE

DISCURSOS

Discurso de Posse

Ernando Uchoa Lima

Homem de convicção cristã, devo, e quero, iniciar esta oração agradecendo à Proteção divina, com a alma genuflexa, a sublimidade deste momento, já para mim memorável.

Movido pelo mesmo sentimento de gratidão, cada vez mais escasso nestes dias pragmáticos, egoísticos e rudes, prazerosamente, eu vos agradeço, Senhoras e Senhores Acadêmicos, a honra extraordinária de ser recebido em vosso meio, que me dá a regalia de tomar assento entre os luminares da intelectualidade cearense.

Por igual, agradeço, deveras sensibilizado, as palavras que acaba de dirigir-me, em vosso nome, e em tom pessoal de exaltação fraterna, esse insigne professor, jurista, escritor e cidadão de caráter sem jaça que é o Acadêmico Francisco César Asfor Rocha, a quem me prendem fortes laços de velha e sincera amizade, que o tempo consolidou.

Foi longa, áspera a estrada que percorri para chegar, já no crepúsculo da vida, à culminância deste Cenáculo e me incorporar, humildosamente, à vossa ilustre e honrosa companhia.

Venho de muitas lutas, de renhidos embates enfrentados desde a juventude, com a couraça do Ideal e do patriotismo.

Não ignoro que nesta noite festiva, em que me proporcionais um dos momentos mais felizes da minha vida, não há lugar para tristes recordações, mas somente suaves e agradáveis rememorações. Entretanto, uma força estranha, incontrolável, tal qual me acontecera quando da minha posse na Presidência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, impele-me a evocar o lado pesaroso de um passado distante, embora quisera bem longe de mim tão melancólica lembrança, mas mau grado meu, mais uma vez, veio à tona.

Assim, vencido, cerro meus olhos, retrocedo no tempo, e vejo-me rapazote franzino, pobre, prematuramente lançado na orfandade paterna, a trabalhar de sol a sol para o ganha-pão de cada dia, e, à

noite, debruçado sobre os livros, em estudos demorados, que muitas vezes marcaram meu encontro com a poesia das madrugadas.

O labor incessante, exaustivo, a exigir novos esforços, as dificuldades crescentes, as preocupações dolorosas, faziam lembrar o rochedo de Sísifo.

Mas não permiti que tais estorvos abalassem meu ânimo, mesmo nos fugazes momentos de desilusão, que ameaçavam ensombrar minha existência. Nessa época, o antídoto da desesperança encontrei na Bíblia Sagrada e nos edificantes exemplos de homens eminentes, que sofreram o que eu sofria, e haviam, pelo próprio esforço e pela tenacidade, "subido do anonimato mais escuro aos esplendores da glória mais límpida", na expressão do também sofredor, e vencedor, Humberto de Campos.

Sob essas influências, nunca recuei nem perdi a fé. Resoluto caminhei para frente, já então persuadido, à semelhança de Basílio Machado, de que "A terra é um campo de luta", de sorte que "Quem nasce vem para lutar", consoante a lúcida observação do imortal poeta que conversava com as estrelas.

Observei o conselho de Tagore: "Deixa os teus fardos todos nas mãos de quem tudo pode sustentar e não olhes nunca para trás com pesar".

Com determinação, perseverança, peculiares dos filhos desta terra amada, que não temem obstáculos, e ao contrário do pensamento de George Orwell, segundo o qual "o aspecto redentor da pobreza consiste no fato de que ela aniquila o futuro", eu pressentia que um porvir venturoso me aguardava. E não me enganei. Estavam certos meus vaticínios.

Em verdade, venci revezes, transmudei em realidade meus sonhos, meus ideais, não como prêmio fácil do acaso, mas fruto de trabalho constante, paciente, de devoção aos estudos, de fidelidade aos princípios cristãos, dos quais nunca me apartei.

Ao invés de subir, como tantos, pisando a moral e a ética, galguei os degraus do sucesso com humildade, decência, sem ódios nem ressentimentos.

Conforta-me poder olhar-me no espelho, nele vendo refletir-se a imagem de uma consciência limpa, ativa, independente.

Se tudo tivesse sido em vão, se ainda amargasse as agruras da juventude pobre, mas vivida na decência de uma pobreza honrada, minha ascensão à veneranda Academia Cearense de Letras, por certo, já compensaria as canseiras, os dissabores que o destino me impôs, invariavelmente arrostados com a têmpera inquebrantável do nordestino, acostumado, desde criança, à força da fatalidade climática que há séculos martiriza o solo e o homem, a sofrer, a resistir, a vencer.

Só os que, como eu, peregrinaram por caminhos pavimentados de espinhos saberão compreender o que existe de grande e comovente, neste instante em que sou elevado à dignidade de membro deste Sodalício ilustre.

Por isto, nesta hora esplendorosa, de intensa vibração cívica, coloco na voz todo o entusiasmo que transborda do coração, porquanto não se deve impedir a expansão dos sentimentos puros “Nem se deve dissimular o que não é possível esconder e devemos manifestar”, segundo a lição de Cícero.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Não me iludo: sei que me elegestes não pelas poucas e desvaliosas obras que escrevi, o que não é inusitado, consabido que o critério de escolha adotado pelas Academias da natureza desta não consiste na fecundidade literária ou artística do pretendente à imortalidade acadêmica, até porque, como bem observou com ironia João Neves da Fontoura, “A bagagem literária não deve ser estimada pelo número de volumes, como as equipagens das damas galantes e dos maradjhas em viagem”.

De outra parte, certamente, não foi a minha atuação à frente das Secretarias de Cultura do Ceará e de Fortaleza, embora considerada eficiente pelo juízo coletivo, o passaporte para meu ingresso nesta Augusta Casa.

Também não foi minha obscura incursão no jornalismo, como repórter, ainda tão moço, sob a orientação do sábio Paulo Bonavides,

o motivo do vosso honroso veredicto; nem os vinte e cinco anos de exercício no magistério, em companhia de colegas ilustres, que hoje enobrecem esta Academia: Pedro Paulo Montenegro, Eduardo Diahya Bezerra de Meneses e Juarez Leitão.

Quisestes, sim, preservar uma tradição das Academias: a presença do Advogado.

O exemplo vem da prestigiosa Academia Francesa, paradigma de todas as congêneres, na qual sempre tiveram assento notáveis mestres da advocatura.

Na Academia Brasileira de Letras, ao longo de sua história, se vêm sucedendo grandes vultos da eloquência forense. Atualmente, mais de vinte de seus membros são bacharéis em Direito, portanto, mais da metade do total dos acadêmicos, conforme ressaltou no discurso de posse o imortal Evandro Lins e Silva.

Nesta assembleia da inteligência, desde os seus primórdios, é constante a presença de bacharéis, mesmo os que não abraçaram a advocacia.

Honrastes, na pessoa deste modesto advogado criminal, todos os que, na minha profissão, buscam harmonizar a árdua atividade advocatícia com o estudo das ideias e das doutrinas, máxime nesta época de complexidade crescente das relações jurídicas, de extraordinários avanços científicos e tecnológicos, que, paradoxalmente, têm criado novos e sofisticados tipos de criminalidade.

Como bem definiu Alcântara Machado, ao receber na Casa de Machado de Assis o Advogado Levi Carneiro, fundador e primeiro Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil,

“Só o leguleio e o rábula poderão satisfazer-se com o manuseio das leis, o convívio mesquinho dos comentários, o espolhamento dos julgados. Para quem exerce honestamente a advocacia é necessidade vital fazer nas altas esferas da doutrina uma provisão diária de

ideias gerais. Não lhe basta, porém, o conhecimento do Direito, por mais intenso e largo que seja. Ir-se-á definhando pouco a pouco, asfixiado invariavelmente no ar confinado da especialidade, se não mantiver escancaradas, de par em par, aos quatro ventos, as janelas do espírito”.

A missão do advogado não se esgota na defesa do cliente, pois o seu ministério transcende do interesse particular e se projeta no social e político.

O advogado é, pela própria natureza da profissão, um intelectual a serviço do direito, da justiça, da liberdade.

Quanto a mim, se me faltam o brilho e a erudição de outros oficiais do mesmo ofício, militam em meu favor a devoção ao Direito, a paixão da liberdade, o estudo diário das novas conquistas do pensamento, a exação no cumprimento dos deveres profissionais, a rigorosa observância dos princípios deontológicos da advocacia, a independência dentro e fora dos tribunais, razão por que nunca maculei a minha beca nem jamais deixei de acolher os miseráveis que batem à minha porta à procura de proteção jurídica. No exercício da minha profissão, jamais deixei de seguir as lições de Ruy Barbosa, Sobral Pinto e Evandro Lins e Silva.

A Ordem dos Advogados do Brasil já reconheceu a minha fidelidade. E hoje, o alto prêmio que me concedestes, que tanto me desvanece e me comove, constitui demonstração inequívoca da vossa aprovação à conduta moral e intelectual do advogado, do cidadão, que agora é vosso confrade, mesmo sem ter o vosso mérito.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Vultos ilustres iluminaram pelas mais vivas fulgurações da inteligência e do saber a Cadeira que venho ocupar, que tem como patrono a figura ímpar de João Brígido dos Santos.

Conforme o consagrado historiador Raimundo Girão, João Brígido nasceu no dia 3 de dezembro de 1829, na Vila de São João da Barra, então da Província do Espírito Santo. Filho de Inácio Brígido dos Santos e Vicência Rolim dos Santos. Veio com a família para o Ceará em 1831. Exerceu a advocacia, o magistério, o jornalismo e fundou, em 1903, o jornal *Unitário*. Submetendo-se a concurso, em 1861, foi nomeado Professor de Português do Liceu, aposentando-se em 1881. Foi Deputado Provincial, Deputado Geral, Senador do Estado e Deputado Estadual. Morreu nonagenário e cego aos 14 de outubro de 1921. Publicou: *A Fortaleza de 1810*, 1882; *Miscelânea Histórica; O Ceará (Lado Cômico); O Príncipe Gastão d' Orleans – o Conde d'Eu; Efemérides; Ceará – Homens e Fatos*.

Jáder de Carvalho, na excelente obra *Antologia de João Brígido*, analisa com profundidade a vida e, sobretudo, a vasta produção intelectual do grande escritor.

São palavras do imortal Poeta de Terra Bárbara:

“Uma das coisas sérias que possui o patrimônio cultural do Ceará é, sem dúvida, a obra de João Brígido. Esquecida, ignorada ou subestimada, ela permanece, entretanto, como uma das expressões mais vigorosas da análise e interpretação da formação social da nossa terra. Poucos sabem hoje quem foi aquele escritor desassombrado, analista penetrante, jornalista aguerrido, cronista incomparável dos homens e dos fatos de uma época decisiva da história cearense. Menor ainda, bem menor, o número dos que já leram o que ele escreveu, dos que compulsaram os exemplares, hoje raríssimos, dos jornais que dirigiu e que transformou em trincheira e tribuna.

O seu temperamento vibrátil, agressivo e mordaz, que imoderadamente deixou extravasar através dos artigos de imprensa, outorgou-lhe a legenda exclusivista de jornalista vibrante e combativo, quando na verdade essa é apenas uma das múltiplas facetas da sua invulgar atividade de operário da pena.

E mesmo tendo sido, como foi, um dos maiores jornalistas brasileiros do seu tempo, essa não é, no território das letras, a sua maior credencial, seja embora aquela que mais o consagrou”.

Cabe-me agora falar-vos daquele que venho suceder, sem substituir, cujo nome pronuncio com a voz repassada de saudade: José Maria Barros de Pinho.

Meu inolvidável antecessor, piauiense de Teresina, nascido em 25 de maio de 1939, filho de Antônio Bezerra de Pinho e Ana Maria de Pinho, fez na sua terra natal os antigos cursos primário, ginásial e científico, este concluído em Fortaleza, onde se radicaria, no tradicional Colégio Lourenço Filho, dirigido pelo notável Poeta e Pedagogo Filgueiras Lima. Diplomou-se pela Escola de Administração do Ceará. Ingressou no magistério como professor de Sociologia, tendo lecionado em vários estabelecimentos de ensino e fundado o Colégio Oliveira Paiva. Político militante, foi vereador à Câmara Municipal de Fortaleza, Deputado Estadual, Prefeito interino de Fortaleza, Secretário de Cultura do Ceará, Presidente da Fundação Cultural de Maracanaú. Na juventude, destacou-se na liderança dos movimentos estudantis. Consorciou-se com a Senhora Aramicy, sendo seus descendentes Anaracy, Cláudio, Araícy, Araciana e Aracy.

Pertenceu a diversas entidades culturais, dentre as quais a Academia Cearense de Letras, a Academia Cearense de Retórica, a Academia Fortalezense de Letras. Publicou, além de outras obras, *Planisfério*;

Natal de Barro Lunar e Quatro Figuras no Céu; Circo Encantado; Natal do Castelo Azul.

No dia 28 de abril do ano cadente, deixou de bater o coração do Poeta. E o Ceará, sob intensa emoção cívica, chorou a sua partida inesperada.

Difícil distinguir qual o maior de seus méritos admiráveis: se o poeta imanente, de estilizada sensibilidade; o contista engenhoso; o educador competente, inovador de métodos pedagógicos; o político idealista, incorruptível, aguerrido, que sofreu na prisão por amor da liberdade e da democracia; o administrador proficiente, dinâmico, que deixou em todos os cargos que ocupou a marca do seu talento e da sua probidade; o cidadão ímpoluto, invariavelmente cortês e generoso; o chefe de família exemplar; o amigo leal.

Poesia, Pedagogia, Política sempre estiveram entrelaçadas, de forma indissolúvel, na sua vida de disseminador de ideias nobres, generosas. Mas, sem dúvida, na multiface de seu intenso labor intelectual, foi a Poesia – universal, eterna, a mais bela de todas as criações do espírito – o fulcro, a força matriz de sua permanente atividade de operário da cultura.

Sua obra poética retrata, de modo profundo e sincero, a sua personalidade, a sua formação moral. A sua estética é a própria essência do seu ser.

Como todo poeta, nasceu com o dom divino de traduzir em versos o seu sentir, porquanto a Poesia – forma suprema de literatura – é a expressão de um temperamento e de uma sensibilidade.

Seus versos são curtos, sintéticos, sem arrebiques, sem supérfluas adjetivações, mas prenhes de conteúdo e de beleza.

Hermeneuta do sentido da vida e mutação das coisas, faz uma poesia de interpretação do mundo, na exata definição de Artur Eduardo Benevides.

Interpretação que não é fantasiosa, ao revés, é realista, objetiva, incontestável, pois reflete a própria angustia universal.

Assim, quando o poeta proclama que
O homem
é forma
de desespero

a vida
circunflexo
do tédio
na circunferência
do planeta

ou, ainda, na mesma linha temática,

desespero
desespero
que terrível
forma
de esperança

ele traduz um sentimento de angustia existencial, marcado por impulsos de revolta interior, ante a desagregação moral e espiritual de nossos dias; a inversão de valores; os trágicos descaminhos de uma sociedade artificial, mecanizada, egoísta, desumana; o morticínio de milhões de seres inocentes na loucura das guerras e das revoluções sangrentas; a derrogação de princípios generosos, que os séculos sagraram; enfim, uma época sem paz, sem amor, porque os homens, consoante reconhece o poeta,

esqueceram Deus
na primeira esquina.

São palavras de Sânzio de Azevedo: “Preocupado (melhor diria talvez angustiado) com o progresso acelerado da tecnologia, está o poeta vez por outra celebrando os feitos da Astronáutica, mas não sem deplorar os males advindos desse mesmo progresso, retratando a perplexidade do homem moderno, inerme diante da possibilidade de uma guerra atômica. Este o motivo da exortação contida em ‘a bomba’, onde inclusive se vislumbra o temor do desaparecimento da própria espécie humana, quando a bomba vier”.

Não obstante a preocupação com os destinos da humanidade, a solidão, a melancolia, que é, aliás, enlevo dos poetas, nada disso faria infeliz a vida do poeta, conforme ele mesmo confessa:

Sou feliz
Tenho a poesia
Dentro de mim.

Por isso, sua poesia não se limita a interpretar o mundo, a verberar os graves desacertos da sociedade moderna. Ao contrário, em grande parte de sua produção poética Barros Pinho celebra em versos líricos a natureza, o mar, o sol, a lua... Telúrico, canta em tom nostálgico, o solo natal, o rio Parnaíba, as coisas de sua infância e adolescência na querida Teresina, até os bichos são lembrados e inspiradores de seu estro, de seu entusiasmo estético.

Poeta confesso, poeta total, a poesia não foi para Barros Pinho um passatempo, um mero exercício intelectual, mas um instrumento de comunicação, de exteriorização das ideias em ebulição no cérebro do devotado investigador da essência humana.

Ora observador das coisas simples do cotidiano de seu hábitat, ora perscrutador dos mistérios do universo, sua poesia é uma sinfonia admirável, inspirada na natureza, nas ilusões e decepções da vida.

É que (estou a citar o poeta Linhares Filho) “O tempo da poesia é sempre o eterno, como o lugar é sempre o universal. Só que podemos potencializar o circunstancial e o efêmero, dando-lhes uma dimensão eterna pelo tratamento adequado dessas condições”.

Senhoras e Senhores Acadêmicos:

Não fora o respeito ao vosso tempo, o desígnio de não abusar da vossa paciência e do ilustrado auditório, se já não abusei, mais, muito mais vos teria que dizer do grande poeta, notadamente com referência a seu último livro – **apenas a espera** –, que sobressai, no conjunto de sua obra valiosa, como o mais denso, o mais profundo, revelador da plenitude do seu pensamento, da sua arte poética.

Mas reconheço que não diria tudo, ante a impossibilidade de uma apreciação capaz de abranger a universalidade da poesia de Barros Pinho.

A propósito, será oportuno trazer à colação as palavras de Genuíno Sales: “Impossível delimitar com precisão as extremas do território poético de Barros Pinho, tamanha a capacidade do seu gênio na utilização das palavras para intuição do belo”.

Partiu cedo o nunca assaz louvado poeta, deixando a todos os que ficamos – sabe Deus até quando – o dignificante exemplo de uma vida inteiramente dedicada à Pátria, à família, à cultura, à arte, à poesia, aos valores perenes do espírito.

Homens do valor de Barros Pinho não morrem. Eternizam-se, no dizer de Péricles, na lembrança sempre viva de seus feitos.

Por isso, consoante assinala Juarez Leitão, o poeta “continuará apalpando as contradições do mundo, esmerando-se na arte de despetalar sentimentos e transmitir o afeto generoso pela terra, pelo homem e pela dignidade humana. E, nos passos que deu e nas marcas que fez, continuará ensinando a sintaxe da paixão e tocando a flauta amorosa da memória”.

Disse, no início deste discurso –, e ainda agora quero reafirmá-lo –, que entro neste egrégio Sodalício não para substituir o insubstituível, mas, simplesmente, ocupar uma vaga, que devia ser preenchida.

Com efeito, as Academias de Letras vivem e renovam seus quadros numa cadeia de mortes e sucessões. O novel Acadêmico, cedo ou tarde, inexoravelmente, cederá o seu lugar a um novo confrade. Não há como fugir dessa implacável realidade.

Achego-me ao vosso amorável convívio com a certeza de que com a mesma magnanimidade que anuístes em me terdes convosco me cercareis de compreensão e solidariedade.

Sei de mim, e sabeis comigo, que não sou poeta, não sou escritor, não sou mais do que um apagado cronista provinciano, um humílimo apreciador das letras e das artes. Mas entendo, exatamente como entendia e proclamava Olavo Bilac, que "Literatura não é apenas filosofia e poesia, retórica e estética; é todo o pensamento e toda a palavra, todas as paixões e todas as ideias, todas as formas, todas as cores e todas as harmonias da vida".

Penetro nos sagrados umbrais da imortalidade da Casa de Tomás Pompeu imbuído do propósito de laborar, incessantemente, em prol do engrandecimento cada vez maior desta tão nobre quão honorável Instituição. É assim que pretendo cumprir com meus deveres acadêmicos e materializar a minha gratidão, pois comungo no mesmo pensamento do inexcelsível Padre Vieira: "Palavras sem obras, são tiro sem bala; atroam, mas não ferem".

Despiciendo discorrer sobre o papel relevantíssimo que incumbe a esta Academia na grande obra de preservação e difusão da Cultura, como instrumento fundamental de promoção do desenvolvimento, de construção de uma sociedade consciente, esclarecida, culta, mais justa e mais humana. Não é segredo para ninguém que o progresso de uma nação tem como medida o nível de educação e de cultura de seus filhos.

Bem de ver que instituições do gênero deste Sodalício do espírito não podem ficar inertes, insuladas entre velhas paredes, à margem das transformações sociais, das lutas nos domínios da arte, da ciência, da tecnologia, da economia, da política, do direito.

A esse respeito valho-me do magistério do inesquecível e sempre exalçado poeta Filgueiras Lima:

“Academia que não é foco de cultura, que não acende ideias de elevação mental na alma de um povo ou de uma nação, que não aprimora e opulenta os recursos da língua nacional, assegurando-lhe o resguardo e o patrocínio das formas e modos expressivos de maior beleza e pureza idiomática – é academia que não tem consciência de si mesma, do seu papel, da sua função, da sua autoridade, do seu ministério, da sua força. Se não exerce influência na difusão das letras e na formação da sensibilidade estética do povo em geral, deixa de representar um órgão de vital importância no desenvolvimento histórico e cultural do país.

Academias como grêmios literários, para o só e monótono declamar de versos e discursos, vazios de conteúdo humano e social, desligados da realidade viva da época e do meio, nada constroem, nada significam, nada deixam; são anacronismos incompatíveis com as necessidades e problemas culturais do nosso tempo”.

Evidentemente, não é o caso da nossa Academia, posto que sempre presente, atuante na proteção dos valores culturais. Aí estão as suas meritorias iniciativas no âmbito da Cultura, de que são exemplos a edição da excelente Revista, a promoção de diversos cursos, a vasta produção de seus membros, tudo de sorte a demonstrar o fiel cumprimento de sua nobre missão e a influência que exerce na vida social e cultural da nossa Terra. E não podia ser diferente, pois esta Casa nunca foi e nunca será refúgio de desiludidos, de apáticos, omissos, mas reduto de idealistas, de empreendedores, combatentes nas pugnas incruentas no resguardo do primado do espírito.

Cônsua de sua destinação histórica, não lhe faz moosa a indiferença do chamado homem prático, ávido de bens materiais, nem lhe arrefece o ânimo a carência de ajuda do poder público.

A despeito das dificuldades que se lhe antepõem, este Tabernáculo de cultura e de meditação continuará firme, triunfante, porque este é o seu destino traçado por seus imorredouros fundadores, no célebre 15 de agosto de 1894, inserto nos anais da nossa História como fato mais significativo da vida cultural do Ceará.

Caríssimos confrades:

Ungido do vosso beneplácito, aqui me tendes convosco. Sou o último da Confraria, mas guardarei inabalável fidelidade aos seus ideais, na esperança de aperfeiçoar-me em vosso fraternal e salutar convívio.

Seria omissão indesculpável, mais do que isso, ingratidão imensurável, se concluísse esta oração sem reverenciar a memória de grandes vultos que me cingiram de carinho, me ensinaram o caminho da ética, me incentivaram, me ajudaram na gigantesca escalada da planície até chegar ao páramo, nesta noite magnífica. Vejo-os aqui e agora, ao meu lado, felizes, emocionados, contentes: meus pais Luís Alves Lima e Maria Esther Uchôa Lima, minhas irmãs Irismar e Auristela, acompanhadas de seus maridos Dejoces e Rubens; Albanisa Rocha Sarasate, Paulo Sarasate, Filgueiras Lima, Clodoaldo Pinto, Carlos Studart Filho, Braga Montenegro, Cláudio Martins, Otacílio Colares.

Presto homenagem especial à minha família, na pessoa dessa mulher admirável que é a Regina, companheira de cinquenta e cinco anos, amiga, esposa exemplar, doce lenitivo nas minhas angústias, anjo tutelar da minha vida.

Por fim, dirijo comovido agradecimento a todos que compareceram a esta solenidade, prestigiando-a com a sua presença.

Muito obrigado.